JOGO DO PAU

Não podemos terminar esta descrição de jogos tradicionais sem falar num jogo tìpicamente nacional: o jogo do pau. O assunto só por si daria para um livro. Aconselhamos, no entanto, aos leitores que desejarem conhecer a história do jogo em Portugal e estudar a sua técnica, o livro de Frederico Hopffer com o título de «O jogo do pau». Neste momento limitar-nos-emos apenas a algumas considerações de carácter geral que se nos afiguram úteis para a compreensão do mesmo. Para a sua prática aconselhamos também que escolham um bom mestre nesta modalidade, pois sem a presença de um técnico competente os progressos são mais difíceis e mais lentos neste jogo viril e audacioso.

Não há muito tempo surgiu entre nós uma frase de recorte popular, onde se dizia que os Portugueses com um pau na mão são temíveis.

Isto queria dizer que os Portugueses tinham atingido um nível técnico suficientemente elevado no hóquei em patins, no remo e... no jogo do pau, para assustar todos os adversários estrangeiros. Poder-se-ia ainda falar na esgrima com florete, sobre a espada, onde temos uma tradição agradável, feita de vitórias honrosas, mas o presente deixa-nos indecisos sobre o futuro que a espera. De facto, a esgrima está a ficar na sombra e outros desportos — em particular o hipismo e a vela — também com uma longa tradição surgem agora em primeiro plano. E quem se der ao trabalho de verificar as nossas classificações nas últimas Olimpíadas, fàcilmente verificará que esta conclusão se baseia em factos sem contestação.

O jogo do pau é uma espécie de esgrima portuguesa praticada pelo povo há longos anos. É natural que, nos primeiros tempos da sua prática, o varapau fosse utilizado apenas como uma arma de defesa pelos guardadores de rebanhos e pelos viajantes que se precaviam contra os salteadores das estradas. Contra as feras e contra os homens, o varapau era uma arma perigosa nas mãos de um homem decidido e arrojado.

Pouco a pouco, o varapau começou a surgir nas feiras. Talvez por uma questão de hábito, os

homens não se separavam da sua vara de lódão: ela estava a seu lado como uma presença amiga. Enquanto estalava uma rixa ou os homens se envolviam em desordem, era certo e sabido que os varapaus também entravam em acção para abrir a cabeça de um adversário ou para esfacelar a mão que segurava uma navalha. Dois ou três homens enérgicos e unidos podiam varrer uma feira... Para isso, utilizavam de preferência os «sarilhos», isto é, executavam uma série de movimentos circulatórios com o varapau, destinados a manter a distância os adversários: defendendo as costas uns dos outros, deslocando-se em conjunto como um só homem, eles punham os homens em debandada e as mulheres aos gritos, isto sem falar na louça partida e no sangue que acabava sempre por correr.

Hoje as feiras decorrem com mais calma. Não é rara ainda, porém, a espera feita nas estradas, geralmente à noite, por um grupo de homens armados com varapaus. Se as questões de águas, entre os camponeses, se resolvem com frequência à sacholada — as questões de amor são também frequentemente solucionadas com varapaus. Onde os varapaus estalam, não procurem a causa: procurem antes a mulher que, ontem ou hoje, deu origem a este duelo. E se houve horas antes uma

desfolhada, podem ter a certeza de que uma mulher comprometida foi beijada por um homem a quem saiu uma espiga de milho-rei e que o namorado ofendido organizou a espera para se desforrar da ofensa. Não é difícil de compreender que nenhum homem vê com bons olhos a sua namorada ser beijada por outro homem, sobretudo se este último é um possível rival para a mão da moça. E compreende-se também que haja outro homem capaz de arriscar a vida, sem medo e com orgulho, por um beijo de uma rapariga bonita que lhe sorri na frente do namorado. A luta é, portanto, inevitável. Os homens gostam de se bater e as mulheres gostam que os homens se batam por elas.

O jogo do pau era, pois, não há muitos anos, apenas uma forma de combate. Os Minhotos e os Transmontanos trouxeram-no para Lisboa: o jogo era praticado nos arrabaldes como um passatempo vivo e alegre. A sua transformação em desporto, através de uma regulamentação cuidada e precisa, ficou-se a dever a José Maria Saloio, mais conhecido pelo Saloio. Enquanto na província se observava o declínio do jogo, na capital era praticado com prazer por numerosos adeptos. Ainda hoje se recordam os nomes de Pedro Augusto da Silva, Domingos Salreu, Artur dos San-

tos e Frederico Hopffer. Actualmente o mestre Domingos Miguel é o principal animador deste jogo popular: muitos dos leitores certamente que já assistiram a algumas das suas demonstrações no jogo do pau.

O varapau usado neste jogo consiste numa vara de lódão, pouco nodosa e bem lisa. O seu comprimento varia, pois cada jogador deve ter um varapau adaptado à sua estatura. Assim, colocando este aprumado no solo, a sua extremidade superior deve ficar ao nível da boca do homem que o utilizará. Não há, portanto, uma medida rígida e fixa. Deste modo, procura-se obter maior facilidade e rapidez no manejo da arma. Claro que a vitória depende principalmente da perícia, da habilidade e da destreza do homem que empunha o varapau. E da sua experiência também.

O varapau pode-se empunhar pela parte mais grossa ou pela parte mais delgada, variando com as escolas o modo de pegar na arma.

Entre nós aplicam-se e defendem-se três escolas: a escola galega, a escola ribatejana e a escola de Lisboa.

A escola galega tem a preferência no Norte, sendo usada no Minho e em Trás-os-Montes. Caracteriza-se especialmente pelo alcance dos gol-

pes de ponta (golpe atirado com a ponta do varapau ao corpo do adversário), pela rapidez nos rebates (golpe em que o varapau gira em círculo sobre a cabeça do jogador antes de ser desferido sobre o adversário) e pela utilização sóbria dos sarilhos. Estes golpes podem ser lançados com uma ou com as duas mãos. Na escola do Norte destaca-se a preferência dos jogadores para os executarem apenas com uma das mãos.

A escola ribatejana — também conhecida com o nome de pateleira — caracteriza-se pela luta a curta distância. O jogo torna-se mais perigoso, e utilizam-se com bastante frequência os cortes (golpe do varapau lançado com força para deter uma pancada do adversário), as paradas e as pancadas arrepiadas (golpes lançados de baixo para cima).

A escola de Lisboa tornou o jogo mais científico e mais seguro. Nela destaca-se sobretudo o jogo defensivo, desde a guarda de espera (posição em que se espera o ataque do adversário ou se prepara também um ataque) à forma de varrer pancadas (golpe lançado em sentido contrário ao golpe desferido pelo adversário). Por outro lado, a preparação técnica do jogador deixa, nesta escola, de ser feita ao acaso, isto é, deixa de ser orientada pelas necessidades imediatas de uma

forma de combate: ela transforma, assim, o jogo num exercício físico cuja prática racional só beneficia os praticantes. Por outras palavras, o jogo do pau na escola de Lisboa assume as características de um autêntico desporto.

No entanto o jogo não perdeu ainda o seu aspecto de luta, de combate, de choque rude e violento. Do mesmo modo, também nas aldeias ou na estrada o duelo entre dois homens armados de varapau tem subtileza: não se luta apenas com os músculos, mas utiliza-se também a inteligência, a astúcia. Aquilino Ribeiro, na «Estrada de Santiago», descreve admiràvelmente a forma como o Malhadinhas de Barrelas, o almocreve, «homem sobre o meanho, reles de figura», enfrentou um valentão de «peito em aduela, cachaceira de boi, cara de poucos amigos» que o desafiara. Porquê? Ora! Por causa de uma trigueirinha de olhos castanhos, leve como uma andorinha...

Pois o Malhadinhas antes de começar a luta pediu uma navalha, observando que não era para mal. Eis como, pela boca do Malhadinhas, Aquilino Ribeiro descreve o duelo:

«Deu-me um canivete, meti-o no canhão da véstia, e fui para o homem:

— Cá estamos!

O pau dele era um nadinha mais alto que o meu, o meu um pouco mais grosso que o dele, o que era uma segunda desvantagem nisto de florear gentileza. Mas tão-pouco aceitei que se tirassem à sorte os paus como se cortasse o cibo a mais no dele. Riscou campo o valentão, por prosápia, que tal não é de moda, e logo ele se foi postar em guarda, pau a escorregar para a perna esquerda, mãos nele à devida altura. No terreiro, havendo estacado as danças e a zanguizarra, formavam todos em roda.

À minha mão direita estava Rita, mais trémula e inquieta que o vero Anjo da Guarda. Relanceei uma última vista ao basófio — pulsos mais grossos que os meus, estatura que se avantajava à minha uma boa mão travessa, o sorriso — Deus louvado! — mais fingido, sobre o amarelo, e à voz: *é uma! é duas! é três!* só armei para receber o pimpão que caía sobre mim de pancada alta. Varri o golpe e, a tentear-lhe o manejo, comecei a parar com brandura, como a medo. Mesmo assim, do meu lugar não arredava tanto como a grossura de um vintém. Ele não, ladeava, curveteava, dava tais saltos e pinotes que as pernas lhe pareciam um compasso endiabrado. Certifiquei-me do seu jogo, que era impetuoso, mas de pouca astúcia; e, sempre em posição de defesa, deixei-

-lhe quebrar o arreganho, embora me custasse uma pancada de esfarrapão no ombro direito e um arranhãozito no pulso, em que ninguém fez reparo. Para os que estavam, sem dúvida que a superioridade era dele, pois me vinha inquietar no meu campo, e ali me mantinha encurralado como o gato, no poleiro, a dentuça dum sabujo. E até os olhos da Rita se me afiguraram desenganados.

Gastámos uns minutos naquela léria tautau, tautau, até que lhe vi o fôlego azougar na garganta. E então, coube-me a vez de atacar. Ao jogo dele, sempre alto e largo, todo de rópia, opus o meu, baixo, curto e todo de rapidez. E — notei — tão imprevisto lhe era que, se quisesse aos primeiros passes despachá-lo com uma pontoada, fazia-o tão certo como ter sido meu mestre nesta arte o maior jogador do Minho. Os olhos da Rita alegravam-se e isso me dava — não ânimo, que tinha para dar e vender — mas sangue-frio e vontade para levar a bom termo a desafronta que cismara.

Tautau, a defender-se duma pancada ao ombro, deixei-me pular até ele e limpei-lhe o primeiro botão, *o rei*, sem ninguém dar por isso, a tempo de varrer a resposta que me mandava à cabeça. Todos poderiam notar — ainda os ignorantes do jogo — que os contra-ataques dele me

forneciam campo cabonde a assentar-lhe um golpe de escacha, se me apetecesse. E, estranhos à minha traça, tinham por bizarria o que era refalsada manha. Mais dois botões, *capitão e soldado,* foram à viola, tão calados e cerces como o primeiro. E, racha contra racha, continuámos estreloiçando. Parecia-me agora que, ainda arrogante, pois não recebera de mim, seu contrário, golpe que se assinalasse, na cara se lhe espelhava um certo luaceiro de desespero, destes luaceiros baços da água-choca, nas noites de quarto. Coitado, se fosse deveras, estava há muito a fazer estrume no meio do Inferno!

Soprava ele como um toiro; obrigado a ter firmeza nos pulsos, pois o alarve o que se propunha era acabar e atirava à valentona, comecei a soprar também. Foi numa dessas arremetidas, quando o pau dele, vergastado pelo meu, rodou largo e desceu adormecido, que degolei o meu quarto botão, *o ladrão.* E obra com asseio; ninguém viu. O colete tinha cinco botões, faltava-me o último, *o segundo rei.* Mas ele estava fulo e já a baba lhe acudia aos cantos da boca. Eu cá, estava em jurar, guardava o mesmo ar que sempre tive e hei-de ter, até na benta hora em que a morte me leve. Mas, dentro de mim, sentia os espíritos mais inflamáveis que pólvora.

Como o machacaz continuasse a despedir-me pauladas à mão-tente, mandei-lhe também uma, dissimulada, destas que não fazem rumor, e só dão contas delas quem as rilha. Foi à ilharga, e logo ele percebeu que se não virasse a folha tinha mais pano para amostra. E, de facto, dali em diante foi mais ordeiro. Já não dava em escaqueirar-me a tola, mas como quem com um cacete quer partir um ovo, sem o perder para a gemada. E eu pude ultimar a partida, rapando-lhe o último botão, com mais mandinga e disfarce que no jogo da vermelhinha.

— Bastará? — pronunciei eu, plantando-me em meia defesa.

O homem aprumou o pau e, encostando-se a ele, limpava da testa o suor.

— Vivam os valentes! Vivam! — clamavam em torno de nós. — Não há vencedor nem vencido!

— Alto lá — bradei — há vencedor e vencido, ou adeus consciência em Portugal. Olhem bem!

Olhavam todos para mim, olhavam, depois, para ele e não percebiam.

— Abotoe lá o colete, parceiro — tornei eu para o mata-sete. — Abotoe, que o traz desabotoado...

O fanfarrão ia a fazer o que eu lhe indicara, mas, como não encontrasse os botões, primeiro ficou de boca aberta, depois fez-se verde como as azeitonas antes de começarem a pintar.

— Não se aflija, eles hão-de aparecer e pregam-se; à falta de tesoura, faca tenho eu para tirar as linhas; mande vir a agulha — e, ao tempo que isto dizia, deitado entre o pulso e o canhão da véstia, mostrei o canivete que limpara os botões».

Era assim o Malhadinhas, o homem que sabia bailar e também bater-se com um varapau bem firme nas mãos, tudo por causa de uns olhos castanhos de uma trigueirinha, com uma astúcia capaz de vencer o próprio Mafarrico. O jogo do pau revela-se assim, para aqueles que não tiveram a possibilidade de assistir ainda a um duelo entre dois bons lutadores, como uma esgrima feita de agilidade e astúcia. O Malhadinhas tivera a sorte de ter um bom mestre que o ensinara a jogar o pau, ágil como um gato:

«Quatro homens a atirar-lhe pedras, umas sobre as outras a chover, e ele parava as pedras só com o pau. A tanto não cheguei eu, mas o mestre não perdeu comigo o tempo todo, haja em vista o colete do homenzinho de Santa Eulália que ficou varridinho como uma eira!»

Os homens com cabelos brancos recordam ainda hoje com saudade esses tempos. E olham com um sorriso a juventude de agora que prefere o bilhar, as cartas e outros jogos menos fatigantes... um sorriso em que há uma pontinha de amargura e de desprezo. E aqui muito em segredo, entre nós, não acham que esses homens de cabelos brancos têm razão?

A arte de manejar um varapau está em risco de se perder. A tradição manteve-se até aos nossos dias. No entanto, apenas um punhado de adeptos se dedica no presente a este jogo. Tudo leva a crer que, dentro de pouco tempo, não haja um homem capaz de sustentar um assalto ao jogo do pau. Então ter-se-á perdido mais um jogo tradicional, mais um meio saudável de exercitação física.

E nas noites de Inverno, junto da lareira, ou nas tardes quentes, à sombra de um carvalho, as crianças escutarão as recordações dos velhos, como quem escuta um conto fantástico, — as recordações de um passado não muito distante em que os homens, com um varapau nas mãos, enfrentavam uma alcateia de lobos ou outros homens armados, de foices e navalhas. A sua surpresa será igual à daquelas pessoas que olham a espada de D. Afonso Henriques e ficam a pensar

como seria o homem que manejava aquela arma. O montante dos guerreiros francos degenerou no espadim dos cavaleiros amolecidos pela vida fácil e frívola da corte. Em que se transformará o varapau? Talvez num baralho de cartas, numa sevilhana, em qualquer objecto menos saudável e mais traiçoeiro no seu uso e nas suas consequências...

A criação de escolas regionais com mestres competentes e dedicados, a realização de torneios entre províncias, pode ainda permitir e contribuir para que este jogo se mantenha entre nós. O ambiente leal e desportivo das competições eliminará os aspectos nocivos que ele teve no passado. E se houver alguma dúvida, basta pensar que se praticará o jogo do pau como uma modalidade desportiva e não como uma forma de combate.